

Eixo temático: Teoria e Práticas Pedagógicas

Categoria: Pesquisa concluída

PESQUISANDO SOBRE LITERATURA E CARNAVALIZAÇÃO: Um recorte bibliográfico

FERREIRA, Ana Caroline Chepak de Souza –

ana.chepak@unesp.br

RESUMO

Este texto é um recorte da Revisão de Literatura que compõe minha Dissertação de Mestrado, onde tenho como objetivo analisar o conceito de carnavalização por meio das obras de Ricardo Azevedo: “Histórias de bobos, bocós, burraldos e paspalhões” e “Contos para enganar a morte”, buscando resgatar a infância como espaço-tempo singular, transgressora da linguagem. Como exercício imprescindível de desvelamento de vozes, realizei uma revisão de literatura no Portal de Periódicos CAPES no segundo semestre de 2022 utilizando diferentes descritores, dentre eles o descritor “Literatura e Carnavalização”. A pesquisa com o descritor resultou em cento e três textos que se reduziram a quarenta e dois após a uma leitura pormenorizada. Desses quarenta e dois textos, trinta e nove são textos frutos de uma exploração literária, ou seja, os autores dos trabalhos aportaram-se teoricamente em Bakhtin para analisar uma determinada obra literária. Nesse sentido, elenquei cinco pontos de encontro onde os textos dialogam entre si e que tocam diretamente a temática da carnavalização. Por fim, uma leitura pelos textos revela que a sobreposição do mundo oficial sob o não-oficial apaga a subjetividade humana em detrimento da ordem e do rigor, e nessa direção, o riso e a comicidade apresentam-se como armas contra a dominação.

Palavras-chave: Bakhtin; Carnavalização; Literatura.

ABSTRACT

This text is an excerpt from the Literature Review that makes up my Master's Dissertation, in which I aim to analyze the concept of carnivalization through Ricardo Azevedo's works: "Histórias de bobos, bocós, burraldos e paspalhões" and "Contos para enganar a morte", seeking to rescue childhood as a singular space-time, transgressing language. As an essential exercise in unveiling voices, I carried out a literature review on the CAPES Journal Portal in the second half of 2022 using different descriptors, including the descriptor "Literature and Carnivalization". The search with this descriptor resulted in one hundred and three texts, which were reduced to forty-two after a detailed reading. Of these forty-two texts, thirty-nine are the result of a literary exploration, i.e. the authors of the works used Bakhtin's theory to analyze a particular literary work. In this sense, I have listed five meeting points where the texts dialogue with each other and which directly touch on the theme of carnivalization. Finally, a reading of the texts reveals that the superimposition of the official world on the unofficial world erases human subjectivity to the detriment of order and rigor, and in this direction, laughter and comicality present themselves as weapons against domination.

Key-words: Mikhail Bakhtin; Carnavalization; Literature.

Introdução

Este texto é um recorte da minha Dissertação de Mestrado. O objetivo da Dissertação como um todo, é analisar o conceito de “carnavalização” por meio das obras de Ricardo Azevedo, buscando resgatar a infância como espaço-tempo singular, destacando a contribuição da Literatura Infantil azevediana à formação de crianças leitoras e produtoras de textos. Para alcançar o objetivo proposto e situar historicamente o estudo foi imprescindível encontrar vozes que pudessem participar do grande diálogo. Dessa forma, realizei uma revisão de literatura com a finalidade de conhecer as contribuições das pesquisas acadêmicas que dialogam com a temática “Literatura Infantil e Carnavalização”.

Busquei as pesquisas no Banco de dados do Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) no segundo semestre de 2022 e almejava encontrar trabalhos que dialogassem com o tema da Literatura Carnavalizada, assim como pesquisas que focassem no autor Ricardo Azevedo e nas obras escolhidas para análise. Dessa forma utilizei os seguintes descritores: “Escritor Ricardo Azevedo”; “Ilustrador Ricardo Azevedo”; “Contos de Enganar a morte”; “Histórias de bobos, bocós, burraldos e paspalhões”; “Literatura Infantil e Carnavalização”; “Literatura e Carnavalização”.

A escolha pelos dois primeiros descritores sucedeu-se pelo duplo trabalho do autor das obras selecionadas, que tanto as escreveu quanto as ilustrou. Já o terceiro e quarto descritor foram escolhidos com o objetivo de perceber o que já foi dito sobre cada uma das literaturas selecionadas a fim de verificar se existem elementos relacionados à carnavalização e se não existirem, quais são os olhares por trás dessas produções.

Encontrar descritores que pudessem direcionar a análise da Literatura Infantil dentro da perspectiva da carnavalização foi uma tarefa complexa. Isso porque ao utilizar o descritor “*Literatura Infantil e carnavalização*”, encontrei apenas cinco artigos, nenhuma dissertação ou tese. Dessa forma, optei pelo acréscimo do descritor “*Literatura e Carnavalização*” à realização da pesquisa, a fim de alargar a discussão, tendo em vista que do ponto de vista da literariedade não há como separar a literatura para jovens ou para adultos da literatura para crianças.

Como a revisão de literatura da Dissertação acabou ficando extensa (e não caberia completa dentro do formato deste artigo) neste texto trago a análise de trinta e nove textos encontrados com o descritor “Literatura e Carnavalização” que direcionam o olhar para diferentes obras literárias.

Metodologia

Nas ciências humanas, a chave está na profundidade, cujo sentido está no envolvimento direto do pesquisador com o cenário da pesquisa e na interpretação da palavra do ser vivo e falante. O pesquisador é responsável, logo não pode ter álibi, e está comprometido com a busca pela essência. Assim, levamos tudo o que temos para encontrar essa essência. Cada conceito considerado nas ciências humanas abre os olhos para enxergar algo não visto, tanto na investigação, quanto no momento de análise e escrita sobre os dados produzidos.

Nessa direção é possível perceber a não existência de uma fórmula para fazer pesquisa nas ciências humanas, realmente não há um passo a passo. Não há necessidade de se prestar contas às ciências da natureza, elas têm seus princípios e são importantes para a humanidade, mas não são obrigatórias no trato com as ciências humanas. É preciso desenvolver metodologias próprias, afinal, a pesquisa nas ciências humanas sempre vai trabalhar com algo em movimento.

Como Miotello (2012, p.154-155) vai bem apontar “criar texto é uma atividade que se dá junto com a atividade humana, em qualquer campo de atividade. Humanos estarão em interação. E colocarão nessa atividade seu ponto de vista, seu projeto-de-dizer, sua ideologia”. Essa atividade criadora que exprime o ato singular de cada autor, concomitantemente está inserida dentro da cultura humana, logo, foi criada a partir de algo dado. Vida e linguagem se misturam o tempo todo.

Dessa forma, por meio da revisão da Literatura é possível desvelar as vozes dos autores, buscando entender não só o que “o autor quis dizer”, mas também o que há por trás dessa construção. Como a linguagem e a vida se apresentam no texto. Além disso, visitar as pesquisas já realizadas permite ampliar o olhar acerca de dada temática, na tentativa de sempre tentar desvelar o que ainda não foi dito.

Ao utilizar o descritor “Literatura e carnavalização” no Portal de Periódicos da CAPES foram encontrados cento e três trabalhos. Após a exclusão dos textos que não se relacionavam-se com o tema de fato, restaram quarenta e dois artigos e uma Dissertação de mestrado.

Com a leitura dos textos trazidos pelo descritor “Literatura e Carnavalização” foi possível perceber que a maioria dos autores (trinta e nove no total) se apropriaram da noção de

carnavalização utilizando-a principalmente para analisar obras literárias, ou seja, transportaram essa categoria bakhtiniana para realizar a leitura de uma obra literária específica. Os outros quatro autores trouxeram a carnavalização em diálogo com outros conceitos presentes na obra de Bakhtin, portanto não serão o foco da presente pesquisa. No tópico a seguir apresento os resultados encontrados.

Resultados

Devido à grande quantidade de textos encontrados que analisavam obras literárias a partir do conceito bakhtiniano de carnavalização percebi que mesmo que o aporte teórico fosse o mesmo, os textos encontravam-se em pontos diferentes, tocavam-se em aspectos distintos. Dessa forma, para analisar os trinta e nove textos foram elaboradas categorias denominadas como “pontos de encontro”. Não tive a pretensão em classificar um texto como isso ou aquilo, mas sim promover diálogos entre as discussões e levar o resultado desses diálogos para as análises das obras literárias que compõem a minha Dissertação. Encontrei cinco pontos e os denominei da seguinte forma: a) Cânone literário versus Transgressão canônica; b) Desconstrução de gêneros textuais; c) Denúncia social; d) Subversão de paradigmas sociais; e) Embate entre Sagrado e Profano. Seguem os textos encontrados:

Quadro 1 – Textos categorizados nos pontos de encontro

Ponto de encontro	Título do texto	Autoria	Ano
Cânone literário versus Transgressão canônica	O poema narrativo de Bernardo Guimarães: a ambivalência do riso em “A Origem Do Mênstruo”	Samuel Carlos Melo; José Batista de Sales	2014
	O mundo às avessas de Fonseca: Godard e Shakespeare revisitados	Sabrina Maria de Amorim	2006
	“Um verdadeiro purgatório”: Leite derramado em diálogo com A divina comédia	Alexsandro Loiola Sarmento	2017
Desconstrução de gêneros textuais	Cobra: quando a linguagem muda de peles ou carnavaliza-se barrocamente	Irma Caputo	2022
	A carnavalização de Bakhtin em Manual de tapeçaria, de Nilma Gonçalves Lacerda	Ana Cristina Steffen	2021
	O diálogo intertextual em o grande mentecapto de Fernando Sabino	Maraiza Almeida Ruiz; Sérgio Vicente Motta	2012
	Maria Velho da Costa em Missa in Albis	Beatriz Weigert	2003
	Análise do discurso de Bobók, de Dostoiévski	Danilo Chiovatto Serpa	2019
	Processos estilísticos em Oz Gueijos, de Victor Giudice	Acácio Luiz Santos	2009
Denúncia social	A carnavalização da história em Galvez, imperador do Acre	Ulisses Stefanello Karnikowski; Pedro Brum Santos	2021
	O cão e a roleta: Kynismus, Zynismus e carnavalização em Um jogador, de Dostoiévski	João Marcos Cilli de Araujo	2021

	A teoria da carnavalização e o romance Ensaio sobre a cegueira – ou por que ler Saramago	Ana Maria Coelho Silva Wertheimer	2022
	Entre o estranhamento e a carnavalização: considerações sobre as relações de espaço-sujeito em Os transparentes, de Ondjaki	Rairá Vasconelos	2020
	Dura Geografia	Benhur Bortolotto	2017
	Polifonia, carnavalização e paródia em "Candide" de Voltaire	Lídia Fachin	1995
	América Latina - entre heróis e carnavais: o Laberinto e a Carroza de Simón Bolívar	Hugo Eliecer Dorado Mendez	2019
	O Rei da Vela, de Oswald de Andrade, e a representação simbólica do contexto industrial e tecnológico brasileiro	Angela Maria Rubel Fanini; Aline Prado Maciel	2012
	Mi Simón Bolívar (1930): um novo paradigma literário	Hugo Eliecer Dorado Mendez; Rosângela de Jesus Silva; Gilmei Francisco Fleck	2021
	Revolução, camarada porco!	Benhur Bortolotto	2015
	Carnavalizar é preciso: uma leitura da paródia em Quem Me Dera Ser Onda	Maria Teresa Salgado	2011
	Policarpo Quaresma: a história carnavalizada	Alice Áurea Penteado Martha	1992
Subversão de paradigmas sociais	A transtextualização e a carnavalização em O Assobiador, de Ondjaki	Karine Miranda Campos; Regina da Costa da Silveira	2013
	Sir John Falstaff: gula e carnavalização em Henrique IV	Elinês de A. V. E Oliveira	2014
	Todos os nomes, de José Saramago: um texto entre dobras	Maria Cecília Rogers Paranhos	2009
	Carnavalização da Vida em Quincas Berro D'Água	Maria Claurênia Abreu de Andrade Silveira	1999
	Aluisio Azevedo carnavaliza o romance de tese em Livro de uma sogra	Angela Maria Rubel Fanini	2007
	Mecanismos de construção da polifonia na obra O jogador de Dostoiévski	Danilo Chiovatto Serpa	2007
	O grotesco no Satíricon, de Petrônio	Cláudio Aquati	2006
	Das impertinências do corpo de Gabriela no romance de Jorge Amado	Sayonara Amaral de Oliveira	2011
	Cheias de graça: as poéticas mambembes de Guimarães Rosa e Osman Lins	Ermelinda Maria Araújo Ferreira	2015
	Uma análise da cosmovisão carnavalesca no gênero farsa	Sandra Klafke Verbist; Marlene Teixeira	2014
Embate entre Sagrado e Profano	Pantaleão e as visitadoras, de Mario Vargas Llosa: as possibilidades do riso	Fernanda Barros De Oliveira	2017
	“A Igreja do Diabo”: Machado de Assis, um leitor de Fausto	Livia Maria de Oliveira; Marihá Mickaela Neves Rodrigues Lopes	2018
	Encontros com o diabo	Maria Cecilia Marks	2015
	O Mestre e Margarida de Mikhail Bulgákov: Um Diabo Russo	Patricia Leonor Martins	2018
	Machado de Assis e a Teologia da Prosperidade: aproximação e contrastes	Paulo Sérgio de Proença	2022
	“Em meio à recamada via”: Matilde, do romance Leite derramado, e Matelda, d’a divina comédia	Alexsandra Loiola Sarmento	2016
	"A igreja do diabo" e o discurso do carnaval	Zília Mara Scarpari Schmidt; Edson Rosa da Silva	1978
	A Cosmovisão Carnavalesca em o Pagador de Promessas	Andrey Pereira de Oliveira	2003

Fonte: elaborado pela pesquisadora (2023).

Como é possível perceber, a quantidade de textos continua extensa, e uma análise pormenorizada não caberia no formato solicitado neste artigo. Desse modo, apresento cada um dos pontos de encontro construídos com base na leitura dos textos, e, para esclarecer cada um deles, trago apenas dois dos artigos encontrados com a Revisão de Literatura, indicados no quadro anterior.

Com relação ao ponto de encontro “*Cânone literário versus Transgressão canônica*”, gostaria de chamar a atenção para a origem da expressão cânone. Foi a partir do século IV que a palavra ganhou um novo significado por intermédio da Igreja, homologando à Lista de Livros Sagrados o caráter de cânone, na medida em que transmitiam a palavra de Deus, e esta constituía-se como verdade incontestável.

Importante para a história posterior do conceito é, pois, a ideia de que canônica é uma selecção (materializada numa lista) de textos e/ou indivíduos adoptados como lei por uma comunidade e que lhe permitem a produção e reprodução de valores (normalmente ditos universais) e a imposição de critérios de medida que lhe possibilitem, num movimento de inclusão/exclusão, distinguir o legítimo do marginal, do heterodoxo, do herético ou do proibido. Neste sentido, torna-se claro que um cânone veicula o discurso normativo e dominante num determinado contexto, teológico ou outro, e é isso que subjaz a expressões como “o cânone aristotélico”, “cânones da crítica”, etc. (DUARTE, 2009)

A ressignificação da palavra cânone em discurso normativo permanece viva até os dias de hoje, constituindo-se como objeto de investigação e/ou tema de controvérsia. Dessa forma, encontram-se nesse ponto de encontro os artigos que, ao trazerem um texto para o diálogo, evocam um outro texto para a realização de um contraponto paródico.

Melo e Sales (2014) investigam os processos de elaboração estrutural do poema narrativo “*A Origem do Menstruo*”, de Bernardo Guimarães, e ao longo do artigo vão explorando as estrofes e os versos relacionando-as aos ideais presentes na noção de carnavalização. O poema atribui a origem da menstruação às brincadeiras de uma ninfa, que não tendo percebido que Afrodite estava se depilando, atirou-lhe uma pedra fazendo a jorrar sangue pela genitália. Extremamente aborrecida com a atitude, Afrodite seduz Zeus e pede para que ele amaldiçoe todas as mulheres para que de tempos em tempos venham a menstruar. O vocabulário do poema aproxima-se do vocabulário da praça pública, e utiliza-se de palavras que remetem ao baixo material. Como o poema faz referência ao nascimento de Eneias¹ –

¹ Rapava bem o cu, pois resolvia
na mente altas idéias:
— ia gerar naquela heróica foda
o grande e pio Enéias.

guerreiro troiano filho de Afrodite – é possível perceber que houve um rebaixamento do mito por meio da sátira.

No texto de Amorim (2006) somos convidados a conhecer dois personagens já conhecidos, porém que foram reinventados: Romeu e Julieta. Nesse conto, os personagens sofrem de uma patologia: não conseguem visualizar a genitália do sexo oposto. Trata-se do conto “*À maneira de Godard*”, que pertence à obra “*A confraria dos Espadas*”, do escritor Rubem Fonseca. A obra, desconstruída e reconstruída como um texto que mescla teatro e conto, traz à cena elementos relacionados ao prazer e ao corpo, considerados tabus naquele momento.

No segundo ponto de encontro, identificado como “*Desconstrução de gêneros textuais*” entrelaçam-se os textos que, ao apropriarem-se da noção de carnavalização, destacam-na, principalmente nos aspectos estruturais da obra. Algumas das expressões utilizadas pelos autores, explicitadas logo nos resumos, que possibilitaram a construção desse ponto de encontro foram: “forma textual mutante” (CAPUTO, 2022, p.1); “emprego de variados gêneros textuais” (STEFFEN, 2021, p.210); “diálogo intertextual” (RUIZ e MOTA, 2012, p.1); “transgressões de tempo, espaço e pessoa” (SERPA, 2008, p.1); “investiga técnicas estilísticas” (SANTOS, 2009, p.89).

Caputo (2022) propõe uma análise da obra “*A Cobra*” de Severo Sarduy sob o prisma da escrita performativa, atribuindo a sua escolha o fato de que a obra problematiza os processos de escrita fugindo da linearidade, resultando em um texto híbrido, que mescla diferentes gêneros do discurso.

Cobra, portanto, será investigada partindo do pressuposto que sua forma sensível – a organização contra-discursiva da linguagem dentro das suas próprias regras – abre fissuras nos códigos de linguagens preestabelecidos, visto que é produzida com pressupostos estéticos que lhe são próprios e aplicando

um

cor-

te

epistemo-

lo(ó)gico,

exigindo-se também, por parte do leitor, uma nova postura de leitura. (CAPUTO, 2022, p.2)

É possível perceber que o texto se aproxima da estética carnavalesca na medida em que foge dos padrões convencionais de escrita e celebra justamente essa inversão. A autora utiliza o enunciado “gênero” de duas formas: quando trata da desconstrução do gênero textual e também quando explora a protagonista Cobra, destacando o seu desejo de morrer homem para nascer mulher, ou seja, traz ao diálogo a questão do gênero como identidade. Constrói-se assim

um texto que discute a normatividade da linguagem assim como os padrões heteronormativos que permeiam a sociedade.

Santos (2009) investiga as técnicas estilísticas no conto “Oz gueijos” de Victor Giudice. O conto narra uma reunião festiva que acontece na casa de um casal, onde todos os convidados e os anfitriões caracterizam-se como personagens abastadas que vivem de aparências e vaidades. O autor do artigo vai defender que essas características dos personagens levam o narrador a construir uma série de exercícios estilísticos empregando neologismos excêntricos buscando representar:

(...) a falsa ostentação de cultura e para o refinamento superficial do casal, incapaz de estabelecer entre si uma intersubjetividade vivificante: a inconseqüência das trocas fúteis de discurso reflete-se no entrecortar de parágrafos no texto, que apontam para superposições de falas impermeáveis entre si e incapazes de fundamentar um diálogo. (SANTOS, 2009, p.92)

A superficialidade dos personagens da trama promove um apagamento das identidades, gerando uma tipificação manifestada através de seus nomes: Dama Obesa, Homem Gordo Homossexual. A futilidade resulta na perda da alteridade. No fim da trama as pessoas devoram-se umas às outras quando o pedido dos queijos chega à residência do casal e o único personagem que sai ileso é o Homem Gordo, coroado como uma espécie de Rei Momo na trama narrativa.

No ponto de encontro intitulado “*Denúncia social*” aparecem os artigos que analisam obras literárias que fazem referência para cenários históricos já vivenciados ou personagens que já existiram, trazendo à discussão questões como desigualdade social, discriminação, alienação, etc. A carnavalização nesse ponto toca principalmente na questão do riso como ambivalente. Como um riso verdadeiro que mascara um acontecimento opressor. Aparecem também elementos de paródia e sátira de figuras históricas como uma forma de destronamento do poder.

Karnikowski e Santos (2021) objetivam no seu trabalho observar como a figura histórica de Galvez, da obra “*Galvez, o Imperador do Acre*”, pode ser carnavalizada dentro da perspectiva de Bakhtin. Dessa forma, destacam alguns elementos, como por exemplo o rebaixamento de figuras poderosas e a elevação do povo, a utilização de uma linguagem exagerada e satírica por parte do protagonista. Ao debruçarem-se sob o romance de Márcio de Souza as autoras chegam à conclusão que “Galvez joga sobre nós os confetes da história do Acre e ao som do pandeiro da carnavalização, somos obrigados a reconhecer o único povo que lutou para ser brasileiro” (2021, p.718).

Bortolotto (2015) explora a novela angolana de Manuel Rui “*Quem Me Dera Ser Onda*”, propondo, por meio da carnavalização e do realismo grotesco, uma leitura onde o riso revela uma compreensão do contexto angolano no período pós-independência. Após um

período de crise de abastecimento na Angola, o protagonista da história resolve levar um porco para o seu apartamento que fica no sétimo andar, com a finalidade de engordá-lo para comê-lo com sua família. A narrativa se passa toda no prédio, como se ele representasse a sociedade angolana, e o porco recebe o nome de “Carnaval da vitória” ao representar uma nova possibilidade de alimentação, uma transgressão às contingências nacionais que impuseram a alimentação a base de peixe. No fim da narrativa, o porco é servido para todos os moradores do prédio, até mesmo àqueles que eram contra a permanência do animal no edifício.

No ponto de encontro nomeado “*Subversão de paradigmas sociais*”, localizam-se os artigos que trazem à tona valores tidos como subversivos e que promovem uma reflexão acerca do homem e da humanidade. Etimologicamente a palavra subversão deriva do latim "subversio, onis" que significa aniquilamento, destruição. É na ruína que se encontra a chance de fazer algo novo. Nesse sentido, os artigos trazem discussões de temas como sexo, vícios, morte, ciúmes, etc. apresentando a carnavalização como uma forma de problematizar aquilo que é tão caro ao homem, sua liberdade.

Campos e Silveira (2013) buscam observar como os fenômenos da carnavalização e da transtextualidade se manifestam na novela *O Assobiador*, do autor angolano Ondjaki. O título remete a um forasteiro que, ao chegar na cidade, assobia uma melodia proibida que leva a população a um transe erótico. As autoras atribuem à carnavalização dois acontecimentos principais da trama: a existência do personagem KaLua, tido como louco pela sociedade por defecar em público, e o transe acometido a aldeia. O ato de defecar em público torna KaLua risível, porém mascara a história do personagem que perdeu toda a família em um incêndio, e ao “exteriorizar” aquilo que normalmente é realizado em caráter privado, o personagem escancara sua fragilidade emocional. Além disso, o transe proporcionado pelo assobio, mais do que promotor de uma histeria sexual, “constitui um instrumento de desvelamento humano, embora mais próximo do profano do que do divino, sua interferência leva-as a experienciar um momento epifânico”. (CAMPOS e SILVEIRA, 2013, p.139)

No artigo de Silveira (1999) é proposta uma leitura do personagem Quincas berro d'água/ Joaquim Soares da Cunha da novela de Jorge Amado sob o prisma da carnavalização literária. A autora inicia sua exploração apontando o desejo de Joaquim em abandonar a vida de pai de família e funcionário aposentado da Mesa de Rendas Estadual para viver entre “bêbados e prostitutas pelas ruas da Bahia”. (SILVEIRA, 1999, p.105). Ao abandonar sua posição de prestígio para viver no baixo, Quincas encarna o espírito do carnaval sendo coroado o “rei dos vagabundos” e mesmo no momento de sua morte exhibe um sorriso de deboche, trazendo aspectos de comicidade. Em seu velório é possível perceber o elo entre os mundos

oficial e não oficial na figura das multidões: assim como aparecem membros de sua família também aparecem os seus amigos: moradores de rua, bêbados, prostitutas, donos de bar, etc.

No ponto de encontro “*Embate entre Sagrado e Profano*” aparecem os artigos que exploram nas obras literárias a carnavalização como choque entre as culturas oficial e não-oficial, principalmente no que concerne à religiosidade. Esse choque permite a criação de algo novo, algo que parodiza a sacralização, que possibilita uma reflexão sobre o controle e uma apreciação da liberdade humana.

Oliveira e Lopes (2018) propõem uma análise do conto machadiano “*A Igreja do Diabo*” em diálogo com “*Fausto*” de Goethe, estabelecem como objetivo evidenciar a ambiguidade da condição humana, a figura do diabo, a relação intertextual entre os autores e a carnavalização da Literatura, de Bakhtin. A carnavalização se apresenta no conto como uma noção que relativiza as verdades universais mostrando que a humanidade, que existe dentro de cada um, parte de uma contradição entre os ideais de obrigatoriedade e desejo. A vontade do Diabo em fundar uma igreja representa a própria negação e valorização do erro humano, na medida em que seus princípios pautavam-se na celebração da inveja, da gula, da preguiça, etc.

Oliveira (2003) realiza uma leitura do texto dramático “*O pagador de promessas*”, de Dias Gomes, a partir das considerações teóricas de Mikhail Bakhtin no que concerne a carnavalização. O autor objetiva demonstrar como a peça se organiza como um grande ato carnavalesco, constituindo-se como uma paródia sacra. A história acompanha Zé-do-Burro, que após pedir a Iansan (Santa Barbara) que salvasse seu burro Nicolau precisa cumprir a promessa que fez a santidade: divide suas terras com os lavradores e põe-se a caminhar até Salvador onde deveria colocar uma imensa cruz no altar de Santa Barbara. Porém ele é impedido pelo Padre Olavo, que ao saber que ele prometera a um orixá, impossibilita sua entrada na igreja. Após tentar forçar a entrada Zé-do-Burro é morto e no fim da história seu corpo é carregado para dentro da igreja por seus simpatizantes. É possível perceber diversos elementos que remetem a carnavalização a partir dos exemplos referendados na peça: a praça pública em frente à Igreja como local de confronto entre a cultura oficial e a não-oficial, assim como espaço com vocabulário próprio. No fim, com a crucificação de Zé é possível perceber a analogia de que “Zé-do-Burro está para Jesus Cristo assim como o burro Nicolau está para a humanidade”. (OLIVEIRA, 2003, p.142)

Conclusão

Finalizado o passeio entre os pontos de encontro: a) Cânone literário versus Transgressão canônica; b) Desconstrução de gêneros textuais; c) Denúncia social; d) Subversão de paradigmas sociais; e) Embate entre Sagrado e Profano, gostaria de chamar a atenção para o fato de que todos estabelecem vínculos entre si. Inevitavelmente, a discussão acerca do embate entre sagrado e profano remete a uma discussão onde há a subversão de paradigmas, e se falamos de uma profanidade de um modelo estamos denunciando a normatização social realizada pela padronização. Essa profanação-subversão-denúncia pode se manifestar na obra literária por meio da transmutação de um gênero textual, o que remete a própria desconstrução da concepção de cânone literário. Uma leitura pelos textos nos revela que a sobreposição do mundo oficial sob o não-oficial apaga a subjetividade humana em detrimento da ordem e do rigor, mas quando as aparências são deixadas de lado e a moralidade é colocada à prova, as máscaras caem mostrando uma face humana, face essa que sofre, que perde, que luta, que tem suas necessidades carnis, que ama, que odeia, enfim, face que se reflete em cada um de nós.

Referências Bibliográficas

- AQUATI, Cláudio. O grotesco no Satíricon, de Petronio. **Classica-Revista Brasileira de Estudos Clássicos**, v. 19, n. 2, p. 245-256, 2006.
- BORTOLOTTI, Benhur. Dura geografia. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, v. 12, p. 22-36, 2017.
- BORTOLOTTI, Benhur. Revolução, camarada porco. **Via Atlântica**, v. 1, n. 27, p. 31-44, 2015.
- CAMPOS, Karine Miranda; DA SILVEIRA, Regina da Costa. A transtextualização e a carnavalização em “O assobiador”, de Ondjaki. **Abril: Revista do Estudos de Literatura Portuguesa e Africana-NEPA UFF**, v. 5, n. 10, p. 133-146, 2013.
- CAPUTO, Irma. COBRA: QUANDO A LINGUAGEM MUDA DE PELES OU CARNAVALIZA-SE BARROCAMENTE. **Revista da FUNDARTE**, v. 51, n. 51, p. 92-106, 2022.
- DE AMORIM, Sabrina Maria. O mundo às avessas de Fonseca: Godard e Shakespeare revistados. **Terra Roxa e Outras Terras: Revista de Estudos Literários**, v. 8, p. 44-50, 2006.
- DE ARAUJO, João Marcos Cilli. O cão e a roleta: Kynismus, Zynismus e carnavalização em “Um jogador”, de Dostoiévski. **RUS (São Paulo)**, v. 12, n. 18, 2021.
- DE OLIVEIRA, Andrey Pereira. A cosmovisão carnavalesca em O pagador de promessas. **Revista Letras**, v. 60, 2003.
- DE OLIVEIRA, Livia Maria; LOPES, Marihá Mickaela Neves Rodrigues. “A Igreja do Diabo”: Machado de Assis, um leitor de Fausto. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 18, n. 204, p. 70-81, 2018.
- DE OLIVEIRA, Sayonara Amaral. Das impertinências do corpo de Gabriela no romance de Jorge Amado. **Letras de Hoje**, v. 46, n. 4, p. 23-30, 2011.
- DE PROENÇA, Paulo Sérgio. Machado de Assis e a Teologia da Prosperidade: aproximação e contrastes. **TEOLITERARIA-Revista de Literaturas e Teologias**, v. 12, n. 28, p. 159-192, 2022.

FACHIN, Lúcia. Polifonia, carnavalização e paródia em "Candide" de Voltaire. **Revista de Letras**, p. 113-125, 1995.

FANINI, Ângela Maria Rubel. Aluísio Azevedo carnavaliza o romance de tese em Livro de uma sogra. **outra travessia**, n. 6, p. 113-123, 2007.

FANINI, Ângela Maria Rubel; MACIEL, Aline Prado. O Rei da Vela, de Oswald de Andrade, e a representação simbólica do contexto industrial e tecnológico brasileiro. **SOLETRAS**, n. 24, p. 223-233, 2012.

FERREIRA, Ermelinda Maria Araújo. Cheias de graça: as poéticas mambembes de Guimarães Rosa e Osman Lins. **Alea: Estudos Neolatinos**, v. 17, p. 353-367, 2015.

KARNIKOWSKI, Ulisses Stefanello; SANTOS, Pedro Brum. A CARNAVALIZAÇÃO DA HISTÓRIA EM GALVEZ, IMPERADOR DO ACRE. **fólio-Revista de Letras**, v. 13, n. 2, 2021.

MARKS, Maria Cecília. Encontros com o diabo. **RUS (São Paulo)**, v. 5, n. 5, p. 66-78, 2015.

MARTHA, Alice Áurea Penteado. Policarpo Quaresma: A história carnalizada. **Revista de Letras**, p. 119-125, 1992.

MARTINS, Patrícia Leonor. O Mestre e Margarida de Mikhail Bulgákov: Um Diabo Russo. **Teoliterária**, v. 8, n. 16, p. 203-230, 2018.

MELO, Samuel Carlos; DE SALES, José Batista. O POEMA NARRATIVO DE BERNARDO GUIMARÃES: A AMBIVALÊNCIA DO RISO EM "A ORIGEM DO MÊNSTRUO". **Via Atlântica**, n. 32, p. 204-222, 2017.

MENDEZ, Hugo Eliecer Dorado. América Latina-entre heróis e carnavais: o Laberinto ea Carroza de Simón Bolívar I. **Estudios de literatura colombiana**, n. 46, p. 55-74, 2020.

MENDEZ, Hugo Eliecer Dorado; DE JESUS SILVA, Rosângela; FLECK, Gilmei Francisco. MI SIMÓN BOLÍVAR (1930): UM NOVO PARADIGMA LITERÁRIO. **EntreLetras**, v. 12, n. 3, p. 224-249, 2021.

MIOTELLO, Valdemir. Algumas anotações para pensar a questão do método em Bakhtin. In: Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso – GEGe/UFSCar (org.). **Palavras e Contrapalavras: enfrentando questões da metodologia Bakhtiniana**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012 (vol. IV). p.151-168.

OLIVEIRA, Elinês de A. V. Sir John Falstaff: gula e carnavalização em Henrique IV. **GRAPHOS – Revista da pós-graduação em letras (UFPB)** v. 16, n. 2, 2014.

OLIVEIRA, Fernanda Barros de et al. Pantaleão e as visitadoras, de Mario Vargas Llosa: as possibilidades do riso. 2017.

PARANHOS, Maria Cecília Rogers. "Todos os nomes", de José Saramago: um texto entre dobras. **Abril-NEPA/UFF**, v. 2, n. 3, p. 99-108, 2009.

RUIZ, Maraiza Almeida; MOTTA, Sérgio Vicente. O diálogo intertextual em o grande mentecapto de Fernando Sabino. **Recorte**, v. 9, n. 1, p. 11, 2012.

SALGADO, Maria Teresa. Carnavalizar é preciso: uma leitura da paródia em Quem me dera ser onda. **Revista Mulemba**, v. 3, n. 5, 2011.

SANTOS, Acácio Luiz. Processos estilísticos em "Oz gueijos", de Victor Giudice. **Anuário de literatura: Publicação do Curso de Pós-Graduação em Letras, Literatura Brasileira e Teoria Literária**, v. 14, n. 1, p. 89-101, 2009.

SARMENTO, Alexsandra Loiola. "Em meio à recamada via": Matilde, do romance Leite derramado, e Matelda, d'A divina comédia. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, v. 26, n. 2, p. 83-101, 2016.

SARMENTO, Alexsandra Loiola. "Um verdadeiro purgatório": Leite derramado em diálogo com A divina comédia. **estudos de literatura brasileira contemporânea**, p. 124-153, 2017.

SCHAEFER, Sérgio. Dialogismo, polifonia e carnavalização em Dostoiévski. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, v. 6, p. 194-209, 2011.

SCHMIDT, Zília Mara Scarpari; DA SILVA, Edson Rosa. " A IGREJA DO DIABO" E O DISCURSO DO CARNAVAL. **Revista Letras**, v. 27, 1978.

SERPA, Danilo Chiovatto. Análise do discurso de Bobók, de Dostoiévski. **Estudos Semióticos**, n. 4, p. 19, 2008.

SERPA, Danilo Chiovatto. Mecanismos de construção da polifonia na obra O jogador, de Dostoiévski. **Estudos Semióticos**, n. 3, p. 13, 2007.

SILVEIRA, Maria Cleurência Abreu de Andrade. Carnavalização da vida em Quincas Berro Dágua. 2013.

STEFFEN, Ana Cristina. A carnavalização de Bakhtin em Manual de tapeçaria de Nilma Gonçalves Lacerda/The carnivalization by Bakhtin in Manual de tapeçaria, by Nilma Gonçalves Lacerda. **O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira**, v. 30, n. 3, p. 210-228, 2021

VASCONCELOS, Raíra. Entre o estranhamento e a carnavalização: considerações sobre as relações de espaço-sujeito em Os transparentes, de Ondjaki. **Revista Investigações**, v. 33, n. 1, 2020.

VERBIST, Sandra Klafke; TEIXEIRA, Marlene. Uma análise da cosmovisão carnavalesca no gênero farsa. **Boitatá**, v. 9, n. 18, p. 246-265, 2014.

WEIGERT, Beatriz. Maria Velho da Costa em Missa in albis. **Scripta**, v. 7, n. 13, p. 35-54, 2004.

WERTHEIMER, Ana Maria Coelho Silva. A teoria da carnavalização e o romance Ensaio sobre a cegueira—ou por que ler Saramago. **Navegações**, v. 15, n. 1, p. e43049-e43049, 2022.